



## **A Construção do Repórter-Ator: Um Novo Papel dentro das Atuais Perspectivas do Telejornalismo.<sup>1</sup>**

Michele Ferreira da Silva da Cunha MATOS<sup>2</sup>  
Márcia Cristina Vieira FALABELLA<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Juiz de Fora, MG

### **RESUMO**

A partir de um novo contexto verificado no telejornalismo, em que se observam crescentes demandas por expressividade, articulação, versatilidade e improviso dos repórteres, apresentadores e âncoras, o presente trabalho pretende investigar de que maneira o teatro pode servir como um instrumento em prol da desenvoltura de repórteres e âncoras de TV frente às câmeras, estabelecendo conexões entre as áreas do jornalismo e do teatro. As convergências são apresentadas fundamentalmente a partir de profissionais que tiveram experiências nos palcos antes de ingressarem em suas carreiras atuais, lançando, assim, o conceito de repórter-ator para aqueles que se beneficiam dos recursos das artes dramáticas.

**PALAVRAS-CHAVE:** telejornalismo; teatro; expressividade; convergência; repórter-ator.

### **INTRODUÇÃO**

Ao longo das últimas décadas, profundas mudanças no contexto do telejornalismo vêm sendo verificadas pela literatura, havendo verdadeiras rupturas com os modelos tradicionalmente vigentes. Neste jornalismo televisivo contemporâneo, se fazem presentes, então, demandas crescentes por maior interação, articulação e expressividade de seus profissionais, de forma que tais elementos expressivos devem ser adequadamente trabalhados para que se obtenha uma satisfatória atuação frente às câmeras.

A partir da constatação de que vários apresentadores, âncoras e repórteres de TV com passagens pelo teatro obtiveram sucesso em suas carreiras telejornalísticas, pretende-se analisar a influência do teatro como um instrumento, um suporte de formação visando ao acréscimo no desempenho de tais profissionais, considerando-se,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 01 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

<sup>2</sup> Graduada no Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da UFJF, email: michele.lis@hotmail.com.

<sup>3</sup> Orientadora do Trabalho. Professora do Dep. de Comunicação e Artes da Faculdade de Comunicação da UFJF, email: mfalabella@oi.com.br



além disso, que os elementos necessários neste novo cenário são trabalhados ou aprimorados fundamentalmente no cotidiano teatral.

Com o intuito de investigar a eficácia dessa convergência, serão devidamente analisadas entrevistas realizadas com repórteres e apresentadores de TV que tiveram passagem pelo teatro. Como complemento desse exercício e de uma maneira definitiva para buscar as respostas desejadas, realizou-se uma pesquisa empírica, com o intuito de marcar as convergências principais através dos relatos dos entrevistados, conforme indicado.

O presente trabalho pretende mostrar como o teatro influencia e/ou auxilia o repórter/âncora/apresentador de TV no exercício de sua profissão. Entender o diálogo entre essas duas formas de expressão comunicacional sob um ângulo específico, no qual a vivência teatral pode dar mais flexibilidade e expressividade à pessoa do meio jornalístico.

Ao estabelecer o diálogo entre jornalismo e teatro, a presente investigação objetiva uma reflexão sobre a formação do jornalista de TV, ampliando seu campo de visão e oferecendo um importante instrumental para a melhoria de seu desempenho frente às câmeras. Cabe assinalar ainda que o testemunho dos jornalistas Leda Nagle, Sandra Annenberg, Rogério Corrêa, Érica Salazar e Evandro Medeiros foram definitivos para a travessia desse caminho que agora propomos. Um caminho vislumbrado por esta discente que viu também sua vida arrebatada pela experiência do teatro e pela prática do telejornalismo e, uma vez adentrando nesses dois campos, percebeu que poderia haver ali um produtivo diálogo.

## **MUDANÇAS NO TELEJORNALISMO**

Com o passar dos anos, é notável que os apresentadores de TV passaram a ter que se utilizar de uma maior porção de elementos para se comunicarem de forma efetiva com o espectador.

Como explica Fachine (2008b, p. 1), antes, o profissional que transmitia as notícias no universo televisivo era um “locutor de notícias”, que se limitava a ler as informações com atitude distanciada e em estilo radiofônico. Não havia no telejornalismo, portanto, relevante interação. Conforme Souza (2011, p. 42), cada apresentador cumpria o papel de ler sua parte do noticiário e mudar de câmera no momento previamente determinado. Aos poucos, o apresentador “engessado” e cujo



olhar era rigidamente direcionado para a câmera deu lugar a uma figura mais simpática, que dialoga, que sorri, que se expressa e se torna mais humano. Mais próximo do seu público.

No contexto jornalístico televisivo contemporâneo, portanto, os “âncoras” têm que se preocupar com uma série de outros elementos a fim de atingir eficientemente seu objetivo. Assim, dizem os ensinamentos de Souza (2011, p. 46), veja-se que postura, expressão corporal e inflexão de voz precisam ser o mais natural possível, uma vez que é através desses recursos que o apresentador passará ao público a sensação de segurança e clareza, gerando confiança e credibilidade. Além disso, uma postura firme, não oscilante, que demonstre que o apresentador sabe do que está falando, é essencial para que o que está sendo noticiado se torne admissível. Ao mesmo tempo, é exigido de quem está à frente de um telejornal, por exemplo, a criação de empatia com o público que o assiste. Para isso, é preciso conquistar esse público com expressões corporais e inflexões de voz específicas.

Assim, devem ser destacados dois fatores como fundamentais para essa mudança do perfil do apresentador de TV. O primeiro destes fatores refere-se à substituição dos mencionados “locutores” por jornalistas na posição de apresentadores dos telejornais, como destaca o diretor da Central Globo de Jornalismo, Schoroder (MEMÓRIA, 2004, p. 288):

Ter jornalistas como apresentadores dá a possibilidade de improvisar, de intervir no noticiário no momento em que ele está no ar. Permite a realização de entrevistas ao vivo, perguntas a repórteres, a entrevistados. Permite um arredondamento de certas matérias. Esse nunca foi o papel dos locutores, a quem apenas cabia ler o que tinha sido escrito. [...] (MEMÓRIA, 2004, p. 288).

Visava-se, com isso, a contemplar a possibilidade de alterações no noticiário em “tempo real”, bem como permitir o improviso, que passa a ganhar enorme destaque neste novo contexto, uma vez que a crescente informalidade deste novo jornalismo, mais solto, comporta um grau de liberdade ao apresentador cada vez maior. Desta maneira, improvisar de maneira natural, ágil, mas com o cuidado necessário para não cometer erros difíceis de serem esquecidos pela mídia em geral, é outro desafio para o apresentador de TV no jornalismo televisivo contemporâneo. A questão do improviso envolve, também, a possibilidade de serem enfrentados eventos indeterminados, ante os quais tais profissionais deverão parecer inabaláveis e em estado de prontidão, aptos a driblar qualquer inconveniente.



O segundo fator responsável por esta mudança de paradigma consiste, como indica Souza (2011, p. 47-48), na inclusão do apresentador no processo de produção do telejornal.

O apresentador passa, então, a ficar mais próximo de seu público, já que tem consciência de cada palavra que está noticiando e pode comentar ou analisar os fatos com mais naturalidade, com pensamentos próprios e, em algumas vezes, espontâneos, improvisados no momento em que o telejornal está no ar (SOUZA, 2011, p. 48).

Este comportamento individual é fruto de uma maior liberdade do eu, uma inserção de posicionamentos e toques individuais que ‘desmecanizam’ a postura do jornalista e o colocam como um ser humano igual ao telespectador.

Hoje, as figuras que vemos à frente dos telejornais, programas de entrevistas, VTs<sup>4</sup> ou inseridas no universo esportivo televisionado acostumaram-se a uma grande exposição midiática. Tais personalidades fazem parte, portanto, da cultura que escorre para dentro de nossas salas de estar, havendo, então, uma inversão de papéis; antes, transmissor de informação, hoje, gerador de notícia.

Como exemplifica Aita (2010, p.2), tomando como base o Jornal Nacional, desde 1º de setembro de 1969 no ar pela Rede Globo, uma série de mudanças acontecem à medida em que o telejornalismo avança nos anos.

O cenário mudou, os apresentadores já não são os mesmos, a postura adotada pelos âncoras é mais informal, porém a maneira de noticiar parece continuar a mesma e não tem a pretensão de afetar a credibilidade da notícia. E essa informalidade adotada através da postura pode ser percebida pela linguagem corporal dos apresentadores, em que esses gestuais vêm ao encontro do texto verbalizado não tendo interferência no sentido da notícia que é transmitida ao telespectador (AITA, 2010, p. 2).

No contexto, aparece entrelaçada a preocupação com a imagem, com gestos e possíveis exageros diante das lentes das câmeras, algo que permeia desde sempre, com maior ou menor intensidade, o dia a dia do repórter, apresentador e âncora, sintetizados aqui como “jornalista de TV”. A construção da notícia, portanto, se alia a um conjunto de normas básicas, relacionadas por Veiga (2000, p. 42): “Cabelos despenteados, dentes manchados de batom, gravatas tortas, camisas manchadas de suor são elementos discordantes, não aceitos na tela do veículo que reproduz a moda”.

---

<sup>4</sup> Forma abreviada de Videotape ou Videoteipe. A palavra refere-se ao equipamento que grava o sinal de áudio e vídeo gerado por uma câmera, porém, usa-se o termo para se referir à matéria ou à reportagem já gravadas que irão ao ar.



Dentro da representação, estão presentes certos elementos que se completam para dar o “ambiente da notícia”. De forma esquemática, pode-se dizer que o jornalista de TV precisa estar incluído em um cenário, dotado de uma gama de técnicas expressivas para dar o tom exato ao texto que contém a informação. Veiga (2000, p. 42) confirma a afirmativa: “Como na apresentação teatral, onde o narrador dá o tom do sentimento que irá inundar a plateia, o apresentador é elemento importante na apresentação da notícia e na reação do público a ela”.

A capacidade de se reinventar e usar diferentes recursos da comunicação diante dessas condições especiais de trabalho jornalístico evidencia que os profissionais de Tv precisam estar cada vez mais dinâmicos para a imersão na notícia. Como justifica Silva, Edna (2013, p. 9), sobre uma “categoria virtual dos ‘corpos imersivos’ exige dos apresentadores um domínio cênico muito maior do que nas anteriores”.

Os apontamentos de Souza (2011, p. 48) a respeito da exigência de domínio cênico por parte do apresentador de TV no jornalismo televisivo contemporâneo fazem se nesta direção, sob o fundamento da necessidade de se chamar o telespectador para participar da dinâmica do telejornal, integrando-o no ambiente onde os fatos são noticiados:

Ele precisa sair do espaço reservado a ele atrás da bancada e se movimentar pelo estúdio, utiliza dispositivos que auxiliam o público a entender a notícia de forma mais fácil e algumas vezes mais lúdica. Caminha até painéis eletrônicos (ou inseridos por *chroma-key*) de onde se desdobram uma infinidade de possibilidades de complementação da matéria. São gráficos, fotografias, vídeos, imagens de computação gráfica que simulam o real, trilha sonora e muito mais. (SOUZA, 2011, p. 48).

Breves comentários devem ser tecidos acerca da mudança que vem sendo considerada pela literatura especializada como a síntese deste novo modelo jornalístico televisivo contemporâneo: a denominada “queda da bancada”. Conforme Coutinho e Pereira (2013, p. 1), tal fenômeno consiste na retirada da bancada como o principal elemento cênico nos telejornais, permitindo-se, então, a circulação do apresentador no estúdio.

Para Fechine (2008c apud BARA; COUTINHO; VARGAS, 2012, p. 8), tais mudanças são baseadas na preocupação dos telejornais em manter harmonia entre os apresentadores, o conteúdo dos enunciados e a cena. Assim, na tentativa de alcançar o efeito de presença, “os telejornais brasileiros têm buscado cada vez mais estratégias que produzem um efeito de continuidade espacial entre o estúdio e a rua”.



Bara, Coutinho e Vargas (2012, p. 10) destacam a entrevista realizada com a apresentadora do MGTV 2ª Edição<sup>5</sup> da TV Integração – Afiliada Rede Globo na Zona da Mata Mineira – Érica Salazar - a respeito das mudanças concernentes ao posicionamento da bancada no telejornal regional. Nesta, Salazar (2014)<sup>6</sup> argumenta que, “quando se sentava atrás da bancada, sentia que havia um obstáculo, uma barreira, entre o telejornal e o público. Ela acredita que, agora, o telespectador se sente mais à vontade para participar e se envolver com o programa”.

Neste sentido, as pesquisadoras indicam que a barreira física que existia entre o receptor e o emissor, caracterizada pela bancada, aparece configurada de outra forma.

Apesar de, em muitas hipóteses ainda existir no estúdio, trata-se de apenas “mais um acessório, um ícone do passado, uma mudança na história da mídia audiovisual, onde o apresentador permanecia estático, sentado, durante toda a enunciação”.

No novo cenário, os comunicadores passam a circular pelo estúdio, apresentando-se de corpo inteiro, não ficando fixos ou sentados atrás da bancada. Movimentam-se, caminham pelo cenário, incorporando um discurso dialógico com outros sujeitos também participantes da enunciação, como os repórteres de rua (PEREIRA, 2013, p. 20).

Verifica-se, de fato, a existência de um novo contexto telejornalístico em âmbito nacional, em que se fazem presentes, além da queda da bancada, exigências por maior interatividade, expressividade corporal e facial dos apresentadores, bem como melhor dicção, maior capacidade de improviso e versatilidade de tais profissionais.

## O REPÓRTER-ATOR

Partindo-se do contexto explicitado do jornalismo televisivo contemporâneo, em que se observa a queda da bancada (COUTINHO e PEREIRA, 2013, p.1) e uma maior articulação dentro de estúdios e cenários - elementos típicos da dramaturgia -, o repórter/apresentador de TV precisa ser mais articulado, sair da zona de conforto de uma cadeira e mesa, onde há apenas uma necessidade de gestos limitados com as mãos, voz e expressão fácil, para ganhar traquejo perante às câmeras. Essa maior demanda de movimentação, por exemplo, faz com que esse profissional necessite de uma utilização

---

<sup>5</sup> Telejornal exibido em Juiz de Fora e região, pela TV Integração, afiliada Rede Globo.

<sup>6</sup> SALAZAR, Érica: **entrevista**. Entrevistadora: Michele Ferreira da Silva da Cunha Matos. Entrevista realizada por e-mail. Novembro, 2014.



mais intensa de alguns elementos da comunicação expressiva, muitos deles, basilares e essenciais para o ator.

Pela necessidade constatada de se acionar esses elementos comuns ao teatro, o repórter/apresentador que já teve passagem pelo teatro pode e até deve recordar e recorrer a esses recursos aprendidos dentro dos palcos, diante do público e no próprio processo anterior de criação; uma ferramenta que o fará ter maior desenvoltura em seu fazer jornalístico no espaço da TV. Caso ele acesse estes recursos comuns às duas áreas (teatro e jornalismo), e os intensifique por conta da sua passagem pelo teatro, ele pode ser inserido numa categoria especial de profissionais do telejornalismo: o repórter-ator.

Foram submetidos a entrevistas Sandra Annenberg (2014)<sup>7</sup> – Apresentadora do Jornal Hoje da TV Globo; Érica Salazar (2014)<sup>8</sup> – Apresentadora do MGTV 2ª Edição da TV Integração, afiliada da TV Globo; Rogério Corrêa (2014)<sup>9</sup> – Locutor a jornalista esportivo da TV Globo; Leda Nagle (2014)<sup>10</sup> – Apresentadora do Programa Sem Censura da TV Brasil e Evandro Medeiros (2014)<sup>11</sup> – Repórter da TV Alterosa Juiz de Fora, afiliada do SBT. Questionou-se estes profissionais sobre a suposta influência exercida pelo teatro sobre o telejornalismo, buscando estabelecer uma convergência intuitiva entre as duas áreas.

O termo “repórter-ator”, entretanto, não está sendo utilizado neste contexto para se defender a ideia de que todo profissional de televisão seria uma farsa em frente às câmeras. O que se pretende é indicar a sugerida influência exercida pelo teatro sobre o jornalismo televisivo, utilizando-se de suas ferramentas básicas de expressão como uma possibilidade de melhorar o desempenho do jornalista, enquanto apresentador e repórter. Há que se deixar claro que respeitamos e entendemos os limites de cada um desses campos em questão, uma vez que o jornalismo lida com a realidade dos fatos, enquanto o teatro apenas os ficciona, mimetizando-os. Saliente-se que também não cabe aqui classificar os jornalistas como melhores ou piores no seu trabalho só pelo fato deles terem feito teatro antes da televisão.

---

<sup>7</sup> ANENBERG, Sandra. Sandra Annenberg Paglia: **entrevista**. Entrevistadora: Michele Ferreira da Silva da Cunha Matos. Entrevista realizada por email. Novembro, 2014.

<sup>8</sup> SALAZAR, Érica: **entrevista**. Entrevistadora: Michele Ferreira da Silva da Cunha Matos. Entrevista realizada por e-mail. Novembro, 2014.

<sup>9</sup> CORRÊA, Rogério: **entrevista**. Entrevistadora: Michele Ferreira da Silva da Cunha Matos. Entrevista realizada por e-mail. Setembro, 2014.

<sup>10</sup> NAGLE, Leda: **entrevista**. Entrevistadora: Michele Ferreira da Silva da Cunha Matos. Entrevista realizada por e-mail. Novembro, 2014.

<sup>11</sup> MEDEIROS, Evandro: **entrevista**. Entrevistadora: Michele Ferreira da Silva da Cunha Matos. Entrevista realizada na TV Alterosa – Juiz de Fora, MG. Outubro, 2014.



Assim, nosso objetivo é defender que o teatro inegavelmente influencia nas características do jornalista de TV, o que não quer dizer que o jornalismo é uma fantasia e nem que o profissional finge algo que ele não é. Mesmo que o teatro seja um reflexo da realidade, ele sempre será apenas “baseado em fatos reais”, uma releitura do real. Já no jornalismo, a sua teoria prega que este seja um reflexo da realidade, lidando com as mínimas interferências possíveis. Por mais que haja “recortes” da realidade, estes continuaram a ser uma parte do real, não sendo uma montagem do mundo.

A primeira colocação que se impõe para esses profissionais, que, de maneiras e intensidades diferentes, passaram pelo teatro e se dedicam à prática jornalística, é justamente estabelecer quais os elos permitem um diálogo entre esses dois universos.

Em que proporção o teatro influencia no fazer jornalístico do profissional da TV?

Como ressalta o jornalista esportivo Rogério Corrêa (2014), “O teatro dá mais confiança ao profissional que precisa falar em público. O palco te deixa cara a cara com a plateia. Você precisa prender a atenção ou, então, viverá momentos constrangedores diante do público”. Esta percepção indica que a passagem pelo teatro gera um tipo específico de aprendizado através de uma experiência que pode somar à carreira profissional do jornalista.

Tal influência é ainda mais direta quando se lida com a TV/Produção de imagem, no entendimento da apresentadora Érica Salazar (2014). “A partir do momento em que se mostra o que é dito, a coordenação de fala com movimentos, gestos e expressões faciais e corporais, está formada a identidade com o público”.

Evandro Medeiros (2014) constata que essa naturalidade frente às câmeras, no seu trabalho, é fruto da sua passagem pelo teatro.

Eu acho que o teatro é essencial porque a gente aprende a falar, falar de uma maneira natural; porque falar naturalmente não é uma maneira que pareça natural. Você tem que aprender a falar de uma maneira que pareça naturalmente pra televisão (MEDEIROS, 2014).

Os apontamentos de Medeiros (2014), assim como de Salazar (2014) e em menor medida de Corrêa (2014), nos fazem crer que fazer teatro é um instrumento relevante aos profissionais que caminham para a apresentação e ancoragem de programas de TV, um trabalho que, como dito em capítulos anteriores, começou com a inserção da fonoaudiologia que cuidava não apenas da voz, mas de toda a postura do apresentador de TV.





Mas não são todos os profissionais que atribuem exclusivamente a sua “naturalidade e traquejo” frente às câmeras ao simples fato de terem tido experiências teatrais anteriores à sua formação profissional. Assim, a entrevistada Leda Nagle (2014):

Não posso dizer que faço a televisão que faço porque aprendi com o teatro. Mas é fato que uma pessoa é fruto das experiências que tem, das pressões que sofre, das atividades que exerce, da vida que leva. E não sou diferente de ninguém. Maior controle da gestualidade, do improviso? Não sei. [...] Fui das primeiras jornalistas a me transformar em apresentadora, se é que um dia realmente me transformei. Veja bem, não estou dizendo que inventei nada. Apenas não havia ninguém fazendo igual a mim antes de mim. Eu não tinha a quem imitar. (NAGLE, 2014).

Um das sucessoras de Leda Nagle na bancada do Jornal Hoje é Sandra Annenberg. Ela afirma ser ela mesma na ancoragem do telejornal, sem criar uma personagem, porém, destaca os benefícios de quando atuava como atriz: “Posso até, como disse, usar recursos do que aprendi quando era atriz (como controlar os tons e semitons da voz)” (ANENBERG, 2014).

Como já foi elencado, existe um diálogo entre os componentes da comunicação utilizados tanto pelo jornalista quanto pelo ator. Érica Salazar (2014) é a primeira a destacar esses elementos, que vão desde a interpretação, marcação de cena, inflexão, expressão facial, improviso e dicção. Para ela, o teatro lhe proporcionou um maior controle da expressividade, gestualidade e improviso, principalmente no momento em que assumiu o estúdio e a apresentação de um telejornal. “Enquanto repórter, a exigência é grande, mas o espaço é menor. No momento em que ficamos pelo menos 80% do telejornal expostos no vídeo, a responsabilidade ganha maior peso”. Partindo dessa argumentação, a âncora do MGTV 2ª edição indica que “o teatro é a base pra quem deseja trabalhar com texto, voz e imagem de uma só vez”. Evandro Medeiros (2014) concorda com Érica Salazar (2014) nessa ponderação sobre o teatro em face do jornalismo.

É uma base sem dúvida. O exercício do jornalismo tem as suas diferenças em relação ao teatro. [...] Mas, eu acho que eu não trabalho metodologicamente e epistemologicamente com esses dualismos, acho que tudo é tudo. [...] Você tem ali no palco uma crônica da realidade, a crônica do dia a dia. Mas às vezes você tem no jornalismo uma encenação, um “troço” que às vezes resvala em algo que está muito longe de qualquer objetividade (MEDEIROS, 2014).



Os elementos que Evandro Medeiros (2014) importa do seu tempo como ator são basicamente a “ciência corporal, trabalho vocal, improviso, capacidade de lidar com situações diferentes. Baixar a bola, humildemente, e, quando necessário, ter pé no chão”. Em comum, Rogério Corrêa (2014) pontua a preparação da voz, e acrescenta outros componentes que lhe foram apresentados no teatro e que persistem dentro do seu trabalho no jornalismo. “A necessidade de ensaiar, treinar o que será dito para que pareça o mais natural possível - apesar de ser um texto escrito, geralmente”.

O repórter da TV Alterosa aponta, ainda, ao contrário de Rogério Corrêa (2014), o improviso como uma importante ferramenta de trabalho adquirida de certo modo dentro dos palcos. Esqueceu alguma fala, o outro errou, vamos improvisar e continuar de maneira que pareça natural e isso é essencial na TV depois pros ‘vivos’.

Os vivos que Evandro Medeiros (2014) destaca e o Stand Up (notícia rápida sem ilustração que o repórter faz Fora da bancada, podendo ser simples ou com entrevistado) exigem, além da característica de improviso, concentração e colocação em cena.

Érica Salazar (2014) indica a naturalidade como uma tendência do atual telejornalismo e, como tal, passa a ser fundamental no modo de se transmitir a notícia. Neste sentido, “o apresentador deve processar em seu cérebro determinada notícia para que, assim, ele possa interpretá-la da melhor forma. [...] Um texto bem lido, como uma conversa, portanto, é mais agradável aos olhos e aos ouvidos do telespectador”. Rogério Corrêa (2014) faz eco à colocação de Érica Salazar (2014) e diz estar correta a afirmação de que sua vivência em teatro lhe proporcionou maior naturalidade, porém, a vê como um resultado.

Ainda que sejam evidenciados esses pontos de convergência, divergências aparecem sobretudo na delimitação de cada um desses campos. Sandra Annenberg (2014) alerta para os limites dentro dessa comparação: “Não se pode confundir, nem misturar as duas profissões. Elas são diametralmente opostas. Uma lida com a realidade e, a outra, com a ficção”.

Não acredito no mito da objetividade, não quer dizer que eu não sigo e não acredito num conjunto de regras pra tentar desvestir o texto do jornalista de uma parcialidade muito forte, né. Acho que a gente precisa assumir esse lugar, mas a partir disso, tentar criar talvez não uma imparcialidade, mas um mosaico de parcialidades que permita a quem ler e quem ouve tirar suas próprias conclusões (MEDEIROS, 2014).



A fim de provar que existem aproximações entre o universo do teatro e do jornalismo, considerando as distinções de seus objetos, Pinto (1997, p. 2) salienta que “a maneira como âncoras e repórteres de telejornal apresentam um texto é na verdade uma dramatização”. Pressuposto que, neste caso, é mais uma forma de deixar a história mais “interessante e comovente”.

Rogério Corrêa (2014) e Érica Salazar (2014) compactuam da ideia de que o jornalista de TV e o ator têm o fim último de contar uma história. Para o jornalista esportivo, o profissional da comunicação é “envolvido pela estória ou história que está sendo contada. Do início ao fim”. Já para a apresentadora, se ambos “contam histórias, precisam de ilustrações, que são as imagens, e personagens para interpretar os fatos”. A convergência, completa Corrêa (2014), está na transmissão de algo para alguém, no ato de comunicar uma mensagem. “Embora o teatro lide geralmente com a ficção e o jornalismo com a realidade, ambos partem da premissa de que o emissor tem que prender a atenção do público”.

Dentro dessa nova percepção de repórter-ator, cabe também o questionamento se todo jornalista é ele mesmo quando está diante das câmeras ou se ele encarna o papel de jornalista, como se estivesse dentro de um personagem? Neste sentido, os entrevistados começaram suas respostas tentando desconstituir o mito que os jornalistas que estão na TV ocupam um papel especial no mundo, acima dos outros e de outras profissões, respostas que indicam que não são celebridades ao pé da letra.

Sandra Annenberg (2014) faz a contraposição entre o repórter/apresentador e telespectador, desconstruindo algumas visões de superioridades jornalísticas.

Somos seres comuns, as grandes diferenças entre nós e quem está do outro lado nos assistindo são: que vocês nos conhecem (portanto levam vantagem), a recíproca não é verdadeira, e também que nos transformamos em vidraça, estamos expostos a todo tipo de crítica (mas, isso faz parte do nosso trabalho). No mais, somos profissionais da comunicação e só! Nosso trabalho é levar a informação da maneira mais acessível possível (ANNENBERG, 2014).

Evandro Medeiros (2014) compactua dessa ideia ao ressaltar que dentro do trabalho jornalístico não há espaço para o sentimento de ser especial detentor exclusivo da informações, se comparado ao trabalho feito com honestidade e verdade:

Eu acho que eu não crio um personagem porque eu tento levar o jornalismo com honestidade, com a verdade. [...] Nesse sentido, quando eu estou falando desse jornalismo desnudado de capa, desse lugar do jornalista como um ser especial, um tradutor no mundo, eu não acredito (MEDEIROS, 2014).



Leda Nagle (2014) afirma que “o jornalista é ele mesmo. A notícia é a estrela do espetáculo. Se o jornalista esquecer isto se arrebenta, dança e se perde no seu trabalho. Já Rogério Corrêa (2014) pontua dizendo que criar um personagem pode não ser um ponto negativo na esfera profissional:

Na narração do futebol, é possível criar um personagem. Muitos fazem isso - principalmente, no rádio. Mas é importante dizer que trabalhamos com credibilidade e um narrador "canastrão" não é bem visto. Nosso material é a realidade. E o narrador, de preferência, só precisa ser ele mesmo. Sem invenções. O que muda basicamente é a entonação (CORRÊA, 2014).

Érica Salazar (2014) é a primeira a defender que o jornalista veste uma capa de personagem quando está diante das câmeras ou está fora dela.

No meu caso, quando estou no estúdio empresto um pouco da minha personalidade ao MGTV. Fora dele, a postura se mantém por algumas vezes. É preciso entender que somos figuras públicas! O telespectador nos aborda, sugere pautas, tira fotos, se identifica com o que ele vê na TV. Portanto, é muito difícil separar o personagem do real (SALAZAR, 2014).

Ante o exposto, Érica Salazar (2014) se opõe ao pensamento dos outros entrevistados, que dizem que o jornalista apenas exerce seu trabalho de transmissor da notícia, sem ocupar um papel especial como comunicador. O público/telespectador é que acaba por exigir esta máscara social do repórter e apresentador de TV.

Os elementos, recursos e convergências identificados, até agora, nas áreas do teatro e do jornalismo são, em maioria, utilizados ou acordados pelos entrevistados em questão. Como designado neste trabalho, os profissionais com passagem pelo teatro, que hoje atuam com produtos jornalísticos dentro da televisão, que se utilizam dessa base teatral no exercício de sua profissão, seriam chamados de repórter-ator, convergindo, mesmo que de forma intuitiva, universos que a princípio se mostram distintos: jornalismo e teatro. Faz-se necessário, assim, definir o que seria o repórter-ator para cada um desses profissionais.

Érica Salazar (2014) busca diferenciar o que deve ser priorizado pelo repórter ao dizer que este “não deve ser um ator no sentido de fantasiar algo que é uma notícia, que aconteceu e foi testemunhada. Ele pode ser uma das testemunhas que levará a interpretação desse fato ao público”. Porém, como destaca a própria apresentadora, o jornalista que já possuiu uma porção de ator, “tende a melhorar o trabalho do repórter, desde que ele saiba diferenciar o que é interpretação e o que é, efetivamente, a notícia”.

Sandra Annenberg (2014) prolonga a discussão ressaltando que, como atriz, conhece sim a “máscara facial”, a utilizando como instrumento de trabalho. Entretanto,



não se considera uma “Apresentadora-Atriz”. Para ela, sua expressividade frente às câmeras está diretamente relacionada às suas características pessoais.

E sou eu mesma, por aqui não há nenhum personagem. É preciso diferenciar bem uma profissão da outra. Não interpreto as notícias, as transmito. É bem verdade que o meu jeito de dizê-las, às vezes, vem carregado de emoção, mas isso em nada tem a ver com meu passado como atriz. O faço assim porque não saberia fazer diferente. Sou extremamente emotiva e por acreditar que devo trabalhar com a verdade, não escondo meus sentimentos. Embora saiba que como jornalista tenha que ser imparcial, acredito que exista um senso comum que nos faz reagir com indignação às notícias ruins. (ANENBERG, 2014).

Mesmo fazendo uma clara distinção entre conceitos, alegando que “Jornalismo não é ficção. E repórter não é ator”, Rogério Côrrea (2014) traz uma visão sobre o novo termo que em muito se aproxima do real objetivo deste trabalho. Ele opina que o repórter-ator é “alguém que use o conhecimento cênico para dramatizar uma notícia”.

Medeiros (2014) complementa o pensamento ao dizer que o termo faz referência ao “repórter que usa recursos de ator pra exercer sua profissão, mas na totalidade. Não só os recursos técnicos de um ator, mas também os recursos metodológicos, a capacidade e enxergar o mundo, perceber, confiar nas intuições, de abordar as situações que cobrir”.

Leda Nagle (2014) não se manifestou especificamente sobre o que seria o repórter-ator na sua percepção, apenas disse que, em sua carreira, a relação entre teatro e jornalismo são as noções de trabalho coletivo.

## CONCLUSÃO

Nosso objetivo principal, entre outros, ao longo desse estudo, foi provar que o repórter-ator é aquele que faz uso cada vez maior de ferramentas aprimoradas dentro do teatro para transmitir com maior competência expressiva a informação, e não aquele que se comporta essencialmente como ator ou que construa uma personagem. Nesse sentido, nossos entrevistados cumpriram um papel primordial, sobretudo, no que diz respeito à abertura de uma reflexão crítica sobre a prática do jornalismo televisivo, que certamente ainda vai passar por tantas outras mutações, pois a comunicação é, antes de mais nada, um processo.

Pretendeu-se mostrar como o repórter e o apresentador de TV podem se utilizar de diferentes ferramentas advindas do teatro para o seu exercício diário, incrementando seu desempenho, haja vista que, atualmente, conforme abordado, o telejornalismo e



outros produtos jornalísticos na televisão demandam uma maior expressividade e traquejo por parte de seus profissionais, estabelecendo, assim, uma maior interação com quem os assiste.

O repórter-ator, que resume apresentadores-atores, âncoras-atores e narradores-atores, portanto, é aquele que se utiliza do teatro (mais uma ferramenta potencializadora do trabalho), como um uma pós- formação intuitiva.

Como já exposto, esta passagem pelo teatro trabalha o repórter não apenas para ser mais expressivo, enfático e gestual, quando está voltado às câmeras, mas, sim, para adquirir uma percepção de mundo diferenciada, capaz de tornar a emoção visceral, eloquente e sob controle, sem perder o vínculo com a realidade do fato. Há uma mudança na forma de se contar o fato, a notícia ou a história, a fim de torná-la mais prazerosa para quem está do outro lado da tela.

## REFERÊNCIAS

AITA, Priscila Aparecida. Linguagem Corporal à Frente da Bancada: a colaboração do não-verbal no telejornalismo. São Paulo: **Anagrama**, v. 4, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://200.144.189.42/ojs/index.php/anagrama/article/view/7427/6760>>. Acessado em 27 nov. 2014.

ANENBERG, Sandra. Sandra Annenberg Paglia: **entrevista**. Entrevistadora: Michele Ferreira da Silva da Cunha Matos. Entrevista realizada por email. Novembro, 2014.

BARA; Gilze; COUTINHO, Iluska; VARGAS, Renata. **A queda da bancada e as mudanças históricas na cena de apresentação dos telejornais**: em busca da aproximação e criação de identidade com o público. XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Ouro Preto: 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/resumos/R33-1829-1.pdf>>. Acesso em 25 nov. 2014.

CORRÊA, Rogério: **entrevista**. Entrevistadora: Michele Ferreira da Silva da Cunha Matos. Entrevista realizada por e-mail. Setembro, 2014.

COUTINHO, Iluska; PEREIRA, Renata Venise Vargas. **Os espectadores e a queda da bancada**; Como o público reage às mudanças na nova cena de apresentação do telejornal. XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Bauru: 2013. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R380956-1.pdf>> . Acesso em 25 fev. 2014.

FECHINE, Yvana. **A nova retórica dos telejornais**: uma discussão sobre o éthos dos apresentadores. Trabalho apresentado ao GT Estudos de Jornalismo do XVII Encontro da Compós. São Paulo, 2008a.



\_\_\_\_\_. **Performance dos apresentadores dos telejornais:** a construção do éthos. Revista Famecos, Porto alegre, n.º 36, 2008b.

\_\_\_\_\_. Procedimentos e configurações espaço-temporais no telejornal. In VIZEU, Alfredo (org). **Sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008c.

MEDEIROS, Evandro: **entrevista**. Entrevistadora: Michele Ferreira da Silva da Cunha Matos. Entrevista realizada na TV Alterosa – Juiz de Fora, MG. Outubro, 2014.

MEMÓRIA Globo. **Jornal Nacional:** a notícia faz história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

NAGLE, Leda: **entrevista**. Entrevistadora: Michele Ferreira da Silva da Cunha Matos. Entrevista realizada por e-mail. Novembro, 2014.

PEREIRA, Renata Venise Vargas. **A queda da bancada e as mudanças na cena de apresentação dos telejornais:** em busca da identidade e aproximação com o telespectador – Uma análise do MGTV Primeira Edição. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação. Juiz de Fora: UFJF, 2013.

PINTO, Ivonete. A dramatização no telejornalismo. **Revista FAMECOS**, n.º 7. Porto Alegre: 1997.

SALAZAR, Érica: **entrevista**. Entrevistadora: Michele Ferreira da Silva da Cunha Matos. Entrevista realizada por e-mail. Novembro, 2014.

SILVA, Edna de Mello. **Corpos em cena:** de "cabeças falantes" a "corpos imersivos" o papel dos apresentadores no telejornalismo brasileiro. XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Manaus: 2013.

SILVA, Fabiano José Morais da. **O Apresentador Nos Estudos De Jornalismo:** Reflexões sobre a transformação das rotinas de produção e no modo de atuar. XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Manaus: 2013.

SOUZA, Giorrdani Gorki Queiroz de. **O Corpo Cênico, Movimento E Imagem Corporal:** Uma proposta prática na formação do ator-criador. Monografia de conclusão de curso do Programa de pós-graduação em dança como prática terapêutica. Recife: Faculdade Angel Vianna / Compassos, 2013.

SOUZA, Laís Mendonça de Souza. **A interação na apresentação dos telejornais:** O fim do apresentador engessado. Trabalho de conclusão de curso em Comunicação Social. Juiz de Fora: UFJF, 2011.

VEIGA, Maria Zaclis. **Telejornalismo:** mobilização ou constrangimento? a construção da imagem na notícia de violência social. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Múltiplos Meios. Campinas: Unicamp, 2000.